

203

"I-JUCA PIRAMA"

DE

GONÇALVES DIAS

PELO:

GRUPO DE TEATRO
ZAMBALINGAZÊ

DIREÇÃO : ELI CLEMENTE

ADAPTAÇÃO : DO GRUPO

MÚSICAS : NIVALDO e VILMAR ALMEIDA GOMES

RIBEIRÃO PRETO, ABRIL / 85

P E R M I T I D O

(por orden de entrada en caso)

MATRADOR 1 }
MATRADOR 2 }
MATRADOR 3 } → OS TIPORES
MATRADOR 4 }
MATRADOR 5 }

8 FILAS }
8 PAG } → OS TIPORES

6 CATEG DE TIPORES

(interpretado, en código, por el ordenador)

- N.1: De volta Fátima, sobe ao glória,
Guarda a senhoria
De esse guerreiro, do velho Tupi.
E é muito bem saber, se alguma novidade
De que ele conta, disse pra frente:
- Nemem, eu vi!
- N.2: De vi o brigue, no largo taboão
Castor prisioneiro,
E o canto de morto que ouvi aqui.
N.3: Valente como ele, o outro com terço
Jurei que vai, que tanto me dê
Nada de si.
- N.4: De cinco senhores que infâmia de amora:
Dois não, era um bravo! Valente e brigue
Como ele não vi.
- N.5: E é só que vou dizer: Parocho e amigo
Que quem chorou tanto, tivesse a coragem
Que tinha o Tupi!
- N.6: Ainda o Fátima, sobe ao glória,
Guarda a senhoria
De esse guerreiro, do velho Tupi.
E é muito, bem saber, se alguma novidade
De que ele conta, disse pra frente:
- Nemem, eu vi!

No povo e no tempo (Amorosição)

No povo e no tempo vamos conhecê-lo
É vida nova nas pais primitivas.

Faço é a labuta, é a cantoria
É a lida e o canção
Índia é bruxa, índia é maga
É Brasil, é um mago
Faz é um, é um, é flama,
E o mestre é a prisão.

Refração

Faz é mago, é o Brasil,
É um, é entorpecido.
Voz é um grito, uma espiçaria,
um lanceio, uma canção.
Veste o corpo a bariti
da palha teida a mão.

No chão

Quebrado, tijolos ferros base
Flaresta: Folha no chão.
Então, pluma, colares, ouro
Faz galha, canção
Tanta pista o resto, o corpo
Luzes, face, canção.

Refração

- M.1: No meio das folhas, de amaranthos verdes,
Coroadas de tranças, cobertas de flores,
Alteiam-se as tocas d'altiva nação.
- M.2: Das matas sem-filices, nas árvores fortes,
Tendevam as guarnições, que em d'esses quartéis,
Assombram das matas a lousa extensa.
- M.3: São rudes, severos, agitados de glória,
Já prelúcio insígnia, já cantos vitória,
Já saúdos estrepitos a voz do cantor.
- M.4: São tocos fúlbrios, guerreiros valentes;
Sem nome lá voz na boca das pedras,
Cantos de prodígios, de glória e terror!
- M.5: As tribos viáveis, sem força, sem brío,
As armas quebrando, lançando-as ao chão,
O incenso aspiraram das suas casacas,
Medrosos das guerras que as fortes acendem,
Curiosos tentaram ignorar lá dentro,
As d'esses guerreiros sujeitos ao pé.
- M.6: Na centro da toca se estende um terreiro,
Cada ora se estende a acção guerreiro
Da toca senhora, das tribos servia.
Os velhos, sentados, prestavam d'outras,
M.7: E os rapos inquietos que a festa encorajam,
Decoravam-se as tocas de um índio infeliz.
- M.8: Quem é -- ninguém sabe; seu nome é ignoto,
M.9: Sua tribo não dia. De um povo remoto
M.10: Lembrou-se, por certo, - De um povo gentil:
M.11: Assim lá se lêcia, no escuro brasileiro,
Tentaram distinguir de vil qualquer
As linhas corretas do nobre perfil.
- M.12: Por causa da guerra, este prisioneiro
Fugiu das tribos. Na extensão terrestre
Lançou-se o toco que a toca em prisão.
- M.13: Corrida-se as tribos das suas arredores,
M.14: Curiosos se lançaram de perto das tocas,
Das várias apresentos de diversas raças.
- M.15: Acorda-se, a festa da vasta festividade,
M.16: Entressa-se a corda da música indígena,
M.17: Acorda-se a toca com penas gentis.
- M.18: É curto, entre as vagas dos povo de aldeia,
Cantos e fúlbrios que a toca rodeia,
Largam-se as plumas de vário matiz.
- M.19: Batendo as mulheres, sua lida triunfo,
Alfegem as tocas da bárbara usança,
O índio estivo já querem saber.
- M.20: A povo das tocas, os membros das tocas,
M.21: Brilhando sempre no corpo das tocas,
M.22: Membres-lhe a festa gentil canibal.



- 8.4: De fendas vasos d'alvacenda arrila
Ferve a esquia.
Fechas-as as copas; o prasep ceneça;
Bevins o festim!
- 8.1: O prisioneiro, cuja morte anoxiam,
Sentado está.
O prisioneiro, que vytro sol no ceaso
Jamais verá.
- 8.3: a fuma acorda que lhe enleça o solo
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
De que o festim!
- 8.2: Sentado as olhos d'ignóvil pranto
Secos estão;
Nada os lábios não descerres quizes
De caração.
- 8.5: Mas um martírio que sofrer não pode
De pases sag.
A ventitosa phantasma do rosto
Da fronte adant!
- 8.4: Que tem, guerreiro? Que temer te assulta
De pases horrendos?
Monra das tabas que nasser te virem,
Feiga horrendo.
- 8.2: Feiga horrendo; porque além das andas
Bevins o forte,
Que seute ufano contrastar os andas
Da fria morte.
- 8.3: Bastaria gozar, exposta ao sol, à chuva,
Lá marcha e pardo;
Susante ao tronco, que devassa os ares,
O raio ofende!
- 8.5: Que fed! Topi nandou que ele cadase ,
Como viveu;
E o caçador que é avigado prostrado
Mortuário!
- 8.1: Que temem, ó guerreiro? Além das Andes
Bevins o forte,
Que seute ufano contrastar os andas
Da fria morte.



N.1. Em larga roda de novão corretores
 Leão caminha o festival Tishira,
 A quem do sacrifício cabe as honras.
 Na frente, o camilar sucede as andas,
 O embuço na cinta as esbaleça,
 Na destra não sopra o Liverpool,
 Orgulho e pujante, do poder páreo,
 Colar d'alva coruja, insígnia d'honra,
 Que lhe cota o peito e o peito, ruga e frons,
 Como que por fadiga não caído,
 Encantadas ali as almas nobres
 Nos venustos Tapetes dea choros
 Seren glória e brando d'indaga feros.

N.2. "Nascer aqui, (diz ao índio prisioneiro)
 Toa que frons, e sem toa, e sem família,
 As noças estas devassamente suada,
 Porverda morte vil da mãe de um forte!

N.3. Tem a tepeira a almeira contrários;
 De sala é cinta a sugarana dezes;

N.4. "Dissemas que lá, tem feitas cantis,
 Ou, se mais te apress, defende-te!"

N.5. Começa o índio, que ao redor derrama as almas,
 Com letais vos que as almas comover;



"Nos canto de morte,
Guerreiros, ouvi;
Desfilas das selvas,
Das selvas arcaei.
Guerreiros, descendo
Da trilha Tapé.

Da tumba pajante,
Que agora anda arreante
Por toda Inhamatã,
Guerreiros, ouvi;
Das trevas, das fôrta;
Das filhas de Herbe;
Nos canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi armas brigas
De tribos indígenas
E as duras fadigas
Da guerra proveda.
Nos olhos murchados
Conti pelas faces
Os millos fúnebres
Nos ventos que azei.

Quei longas terras,
Lidai áreas guerras,
Vaguel pães guerras
Das vãs azeadas;
Vi lutas de heróis,
Vi fôrta - azeadas;
De azeadas lutas
Calcedas em pã.

E os campos selados,
E os arcos calcedos,
E as plagas calcedas
Já nos murchas;
E os millos calcedos,
Murchas e azeadas;
Que viches murchas
Com murchas de pã.

Das golpes de luto
Nos filhas murchas,
Que luto, das murchas,
Que luto a murcha
Com plácida murcha,
Murcha e murcha,
O murcha murcha
Murcha murcha...

Das pã e das luto
Já murcha e murcha,
De pães murcha,
Murcha em murcha,
Das murchas, murchas,
Por luto murchas,
Murchas de murchas,
Murchas aqui.

O murcha de murcha
Murcha já murcha
De luto e murcha
Murcha murcha.
Murcha murcha murcha,
Das murchas de murcha,
Das murchas que murcha
De murcha murcha.

Enão, murcha,
Com murchas
Das murchas murchas
Com que murcha murcha.
O murcha murcha
De pã, murcha e murcha,
Que murcha - murcha!

Da murcha e das pães
De murcha murcha,
A murcha murcha
Que murcha murcha.
De murcha murcha,
De murcha murcha,
De murcha murcha,
Que murcha murcha.

De murcha murcha,
De pães murcha,
Já murcha e murcha,
Que murcha - murcha
Murcha murcha
O murcha murcha
De murcha que murcha
Murcha murcha murcha

Murcha murcha, murcha murcha,
Murcha murcha, murcha murcha,
Murcha murcha murcha murcha
Aqui murcha murcha,
Murcha murcha, murcha murcha
De murcha murcha murcha;
De murcha murcha,
Murcha murcha murcha.



M.1: "Doltei-o" - (diz o chefe). Tama a turba;
 M.2: Os guerreiros cerraram, mal ouviram,
 Nos pés nunca um chefe dar tal ordem!
 Brada segunda vez que vem mais alta.
 Afronem-se as prisione, a cubira esde,
 A custo, sim; mas cedo; o estrange é malvo.

O FILHO: "Pierira, (diz a mãe enternecida,
 Solto apenas das mãos que o seguravam),
 És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
 Tu, que antes de meu mal te conheste.
 Não seftum, que transposta a natureza
 Com olhos onde a luz já não cintila,
 Chora a morte de filho o pai amado,
 Que acorda por seu na vez senhores."

M.1: "- És livre; parte!"

O FILHO: "- E voltarei."

M.1: "- Debalde."

O FILHO: "- Sim, voltarei, morte meu pai." - "Tão voltas!

M.1: É bem feliz, se existe, em quem não veja,
 Que filho teu; e qual chora. És livre! Parte!"

O FILHO: Agora tu sigas que se acortas?

M.1: Que sigas morrer?"

M.1: "- És livre! Parte!"

O FILHO: "- Ora não partirei. Quere provar-me
 Que um filho dos Topis vive com honra,
 E com honra matar, se acaso o verem,
 De morte o passe gloriosa afronta."

M.1: "- Tentiste! Que um Topi não chora nunca.
 E tu choraste... Parte! Não queres
 Com carne vil enfraquecer as fortas."

M.1: Sobrestava o Topi. Arfando em culpas
 O rebater da coragem se ouvia
 Trápidas. De resto afofegando
 Sólidas tagas de suor corria.
 Talvez que a assaltava um pensamento...
 Já não... Que se eslutada fantasie,
 To pensar, um martírio, os momentos,
 De velho e coritunda imagem
 Quase a bradar-lhe ouvia: "- Ingrato! Ingrato!"
 Curvado e cego, taciturno e frio,
 Inextinguível d'homem penetras no bosque.

1. " - Filha meu, onde estás?" - As vozes ládo.
LEDO

aqui vos trago provisões, tomei-as!
As vozes forças restaurai perdidas.
E a caminho! E já?"

1. " - Tardeste muito!

Não era nada o sei quanto partiste,
E trouxe o teu galei já cheio agora...

LEDO " - Sim... trouxe-me a divergir com tudo,
Perdi-me nestas males intrinsecas...
Desviei-me e tornei. Das urgo e tempo;
Conven partir, e já?"

1. " - Que novas males

Nas costas de sofrer? Que novas dores?

Que outro lado pier topé nos guarda?"

LEDO " - As males da aflição já se esgotaram,
Mas para mais golpes escape lutato
De vossas corpos resta."

1. " - Mas tu trazes?"

LEDO " - Talvez de até da sape..." " - Oás filhas carol

1. " De qui misterioso aqui se fala,
Aqui se acorção... Fiedora frende
Será por certo, que não males novos!
Nas costas levar, e agora trouxe!
Tudo a mais é topé que nos adliga,
E contra o seu querer não valem brices.
Partamos..."

1. " E com mão trêmula, incerta,
Frecura o Filha latando as trovas
De sua mente lágima e melancolia.
Sentindo o suor odor das frestas tintas,
Uma idêia fatal correu-lhe a mente.
De filha os membros gélidos apalpa
E a dolorosa maldade das plumes
Cacheco estrechou-lhe. Fugai volta!
Encontre-se as mãos e duro orônio
Despida então do natural ornato.
Ficou afilto e pálido, gubirado
As mãos sobre os olhos fechados,
Como que trema ainda o trêps velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
Naquela exilto grande a braga viva
Ante os olhos de quem esquivada.
Não era que a verdade amolecesse
Inteiro e tão cruel qual tinha sido.
Mas que fustoso amar corra o filha.
Ele é via; ele o tinha ali presente;
E era de repetições e cada instante,
A dar presença, a previsão futura.
E o presente, tão negro, ali se tinha,
Ali, no coração, se concentrava,
Era um ponto só, mas era a morte!

1. " - Tu, prisioneiro, tu?" " - Vós o dissociais."

LEDO " - Des indicat?"

1. " " - Sim."

LEDO " - De que razão?" " - Tinturas."

1. " - E a requenza fúnebre ressurto,
Dos falsos munitos quebrado a sape..."

LEDO " - Nada fim... aqui estão..." " - Então! -(suspiro.)

1. " (Curto instante depois prossegue o velho)

1. " - Tu és valente, tem o sej. Qualcena!
Ficaste-a, certo, ou já não ficas vivo!

Forlão

Pai, pai, pai, pai.
Láste, vivi q'ntos. perdi, pai
Se choraí foi só por ti, pai
Se choraí foi só por ti, pai

Das amadas que segui
Das terras que percorri
Das amigos que eu tive, pai
O que me restou foi ti, pai
Das amigos que tiveste, pai
O que de restou foi eu, pai

Luter, luter, pai
Andar andei, pai
Aíe-chorá pai
Mas choraí foi só por ti, pai
Se choraí foi só por ti.



PAI: " - Por amor de um triste velho,
Que se tornou fatal à guerra,
Vás, guerreiros, representas
a vida, a um prisioneiro.
Logo tão antes vem hora,
Sem tão alta certeza
Vi eu Jacaré prestada entre os tepis,
E nas torres elevadas em pontilões.
No porão nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por violência das atos,
Aqui velho, e o filho trago.
Vás e disseis prisioneiro,
Seja assim como disseis
mandei vir a filha, e logo,
A mãe de assassinado
E a negressa ligada.
No todo o rito se compra,
E quando eu for só na terra,
Como acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguns que meus passos guie,
Alguns, que vanto nos palas
Canto de almas vivas,
Quando a vez de sua filha,
De fazer-se ao pai se afada."

M.2: " - Mas o chefe dos Timbires,
De selvagens encançados,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com tanta honra:

M.3: " - Nada farei de que disseis
E os filhos bebês e fracos,
Soldados e soldados
De mais guerra, das terras
Derrotar nos ignóbil cancos.
Me alcora de vobos.
Mas outross, certos Timbires,
Os de heróis fazemos poés."

M.4: " - Ao velho Tupi guerreiro
A surda voz se apresenta
Mas ouvir nos seus confusos
Como os caridos de um tápe
Que passa e passa se somaria.



PAI: - Tu choraste em presença da morte?
Em presença de estormentos choraste?
Não depende a estadia do corpo;
Toda choraste, teu filho não é!
Poisas tu, descendente maldito,
De uma tribo de noturnos guerreiros,
Implorando cruéis torturas,
Vires presa do via Aincorô.

Poisas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado das honras na paz,
Sem das gentes o respeito merecido,
Não encontres amor nas estúpidas,
Teus mães, se alguém tiveram,
Tribas alma instantânea e falsa!

Não encontres deusa na dia,
Nem as graças da natureza te amparem,
E entre as lavras da noite escuras,
Nada possas descer ao viver.
Não encontres um trevo, uma pedra,
Fora do sol, posta às divindades e aos ventos,
Fornecendo as maiores tormentas,
Cada passo a fronte pressar.

Que a tua ruína a alma se torne,
Furtivos pedras, e fôr desfaleça,
E a ruína que limpida corre,
Nada te acenda e vença fôr.
Duas águas fereceas se tornam
Ao contacte das lâminas sedentosas
Largos espaços de vãos nojentos
Desde fôjas com sono e terror!

Sempre o céu, como um teto incandescente,
Creste e queja tua mancha maldita,
E sempre de pó descortada
Nela a terra de lousas fúpi!
Ninguém, fustado, sedento,
Fustado não não fustado nos ventos,
E de horror os espíritos sedentados,
Teaga sempre o colar de pó ai.

Te arde não tentas plácido,
Que teu corpo na terra enlaidado,
Fôrdo em vãos d'argenteo enlaidado
Arco e fôrdo e tãgo a tua pãl
De maldito e maldito na terra,
Toda que a tanta vilas choraste,
Que em presença da morte choraste,
Te, choraste, teu filho não é.

- M.3: Jáste aliando, e aliando velle
A quea Tupã tamanta dor, tal fado,
Já nos confina da vida reservara,
Nai, com trêzulo pó, com as mãos já vedas,
De um velle guerra as dobras trovas
Palpando. Alarma! Alarma! O velle para.
O grito que exultou é voz do filho,
Voz do guerreiro que curtiu de tantas vozes
Nobre quatro vellos. Alarma! Alarma!
Esse momento só vale a pagar-lhe,
De tão compridos tranços, as angústias,
Que o frio coração lhe abrandaram,
Do guerreiro e do pai, vale, e de nobre!
Ele, que se tonta com as cantigas,
Temido pelo subito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o amorido coração frega.
- M.4: Ele, que se tonta com as cantigas,
Temido pelo subito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o amorido coração frega.

TOCOS: A tala de alvenaria, as pedras deuses,
Escritas, impressões profundas nos,
Reservada a multidão brejeira,
Revolto-as, anovela-se confusa,
E mais revolto, em mar furor se acorda,
E os muros das pedras que incessantemente fervem,
Tocam, pedidos, entorpecem do morto,
Vão longe pelas armas acromias,
Da humana tempestade propagando,
Quantas vezes de povo enfurecido,
Contra os nobres vive as quebrevas.

- M.3: Era ele, o Tupã, nos fora justo
Que a face das Tupã - o nobre, a glória,
Ferremente brando da ruça entista,
Atende labor de tanta alma,
De um jato, e por um só, as inquietações.

- M.5: - Basta! (Alarma o chefe dos Tindires.)
Basta, guerreiro ilustre! Já nos intente,
E para o sacrifício é mister forçar.

- M.1: O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velle pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de pólio (travando):

- M.2: - Este sim, que é meu filho muito amado!
E pelo que a nobre, enfim, qual sempre é tive.
Correu libras as lágrimas que cedeu,
Essas lágrimas, sim, que me descorrem!



Da que é eterna

Da luta que se faz
que se trava aqui no tempo
Espaço que se ocupa
Tempo, espaço e surge a vida

Da luta, do trabalho
da guerra da conquista
Das lágrimas de um povo
transformadas em canção.

A melodia vem - Da vida

E a vida é o que se luta
E a vida é que se faz
E o que se faz na vida
Não se destrói jamais.

Na morte não se apaga
Não desceia, não se mata
Fadiga é sempre mais, que
mas você não esdrega.

Institui os seus ritos
O chefe, a tropa e a polícia
O cargo enfurece a massa
o combate e os fuzis
Da estampa vem - a morte
E a morte não desceia
e não destrói a vida
e o que se faz na vida
não se destrói jamais.



- 8.1: De velho Nóbrega, sobrinho de Alêxia,
Guardava a memória
Do tempo perdido, do velho Tupi.
E é noite sem talvez, se alguém lembrasse
Do que ele sentava, ainda presente:
- Nóbrega, eu vi!
- 8.2: De vi e brase, no largo cerrado
Castor prisioneiro,
E a noite de morte que nunca esqueci.
- 8.3: Valente como ele, chorou sem ter que
Parar que vejo, que tanto sentia
Nobre de vi.
- 8.4: De cinco sentas que se chama de amor:
Voz não, com um bravo: Valente e brase
Como ele não vi.
- 8.5: E é só que vos digo: Parado no encanto
Que quem chama tanto, tivesse a coragem
Que Nóbrega e Tupi.
- 8.6: Assim e Nóbrega, sobrinho de Alêxia,
Guardava a memória
Do tempo perdido, do velho Tupi.
E é noite, sem talvez, se alguém lembrasse
Do que ele sentava, ainda presente:
- Nóbrega, eu vi!



Resinas, eu vi

Resinas, eu vi
No mesmo terreno
Cantar prisioneiros
bravo, forte guerreiros
Dentes desfilando
Do trito topi

Resinas, eu vi
Implantar desolado .
O pai cego e querendo
por trilha intrincada
Sua obrigada
Amor.

Resinas, eu vi
Tinturas, cantando
O herói alvejando
insultado cruzando
Ao peito agitando
E a honra ele entrega a lei.

Resinas, eu vi
E pai desamparado
Sua brava que fere,
Fugitivo de guerra
Topi já não era
e sua curumi.

Resinas eu vi,
A alma gentil
Nostrar se visível,
para toda terra.
E sem Tio, sua resistência
e, mais morte por lei.

